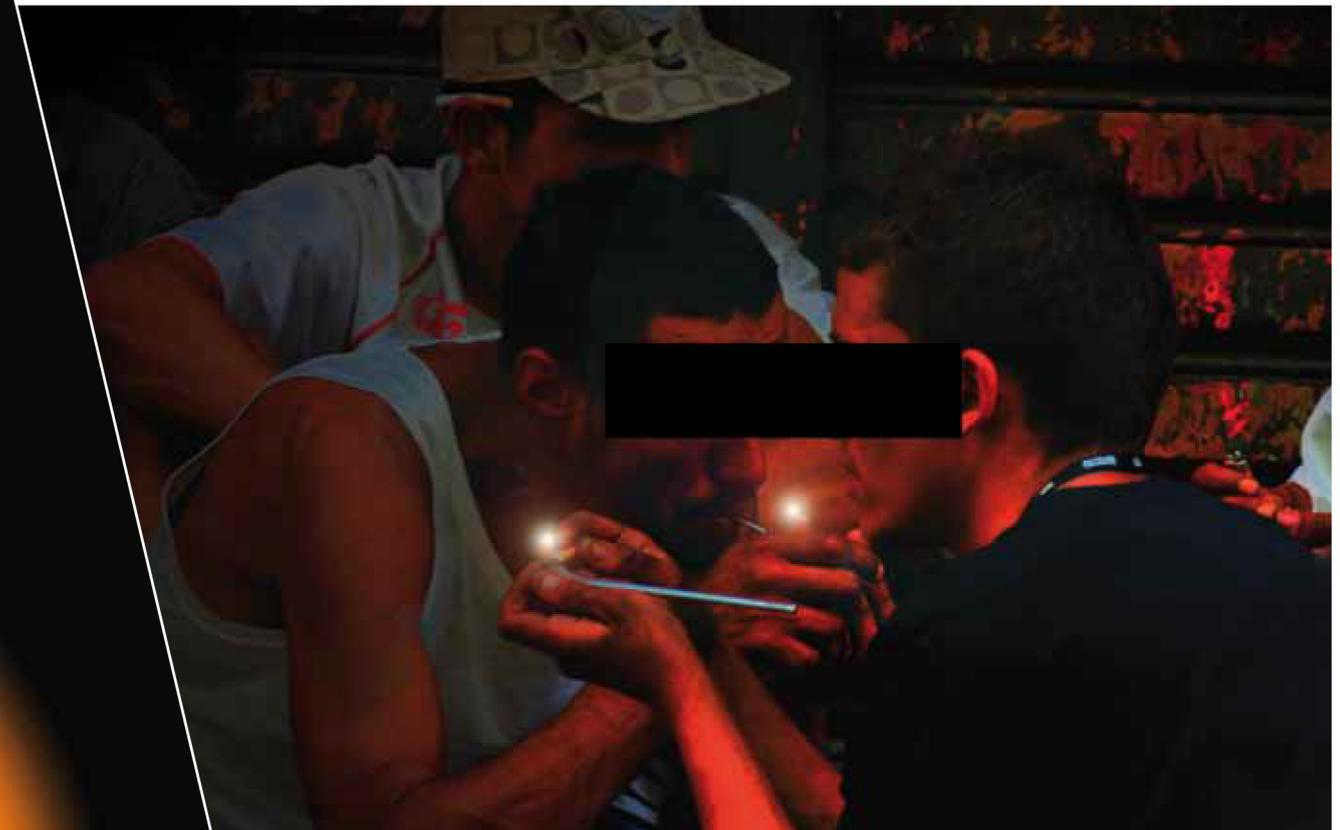


CRACK

O "REALITY SHOW" DA VIOLÊNCIA URBANA

A cultura prevencionista como base de programa de governo, familiar e educacional



Por Mariana Veltri

Muito se fala em guerra contra o crack. O governo federal, no combate ao entorpecente, lançou o programa "Crack, é possível vencer". Ações regionais começaram a ser implantadas em cada cidade do território nacional como medida para conter o acesso à droga. Vive-se uma verdadeira epidemia que assola milhões de brasileiros. Qual seria a solução? Engajada na melhoria da vida humana e com foco no futuro do jovem quanto cidadão e trabalhador, a União Geral dos Trabalhadores (UGT) busca uma alternativa. E a Revista da UGT traz nesta edição o Dr. Jorge Lordello, palestrante em droga e violência urbana e especialista em segurança pública e privada, para apontar ações preventivas para a sociedade.

Dos guetos, a substância tomou conta das ruas dando espaço às cracolândias. Seria possível inibir o acesso ao crack? Ele chega repentinamente e devasta a vida da pessoa. O cidadão é retirado do convívio social e mergulha numa nova vida que lhe é apresentada. Uma realidade escancarada. O usuário do crack, diferentemente das pessoas que faziam uso da maconha, cocaína ou derivados, utiliza-o à luz do dia, no meio da multidão, em frente às câmeras. Faz um verdadeiro reality show da desgraça humana.

Ao fazer um histórico das drogas no Brasil, o Dr. Jorge Lordello imputa o crack como um divisor de águas. Por quê? Porque as drogas existentes antes da chegada do crack, e até mesmo do oxi, não tiram a pessoa da sua vida normal, ela mantém um certo status social - isso, em casos que não se desenvolve a dependência. Com o crack, o efeito é rápido e devastador. "Basta experimentar uma vez que o usuário vicia. Ele se retira de qualquer

convívio. O crack arranca o usuário da família ou do trabalho, desvinculando-se da sociedade”, explica.

Pulam-se etapas e acaba a figura do “mendigo romântico”. Aquele cara conhecido do bairro, que todo mundo ajudava, que não oferecia perigo nenhum, simpático, não se vê mais. Porque começou a usar crack. E se torna uma pessoa perigosa, porque começa a roubar e matar para ter a droga.

São muitos os jovens, às vezes usuários apenas de maconha, que se deparam com a oferta do craqueiro, que oferece a substância mais “acessível economicamente”. Experimentam e, seduzidos, não largam mais, perdendo até o rumo de casa. Classes sociais inteiras são destruídas. Por ser o crack, uma droga mais barata composta por químicas fortíssimas, impregna na pessoa que faz seu uso e esta se entrega ao vício rápido. E o que se vê são jovens de classe alta, média e baixa, misturados no mesmo ponto, consumindo o mesmo objeto de desejo. Concentrados, tumultuando ruas, pedindo dinheiro no farol ou abordando um desavisado, quando chegam de repente e praticam um assalto.

Para Dr. Jorge Lordello, também conhecido como Dr. Segurança, as ações policiais na cracolândia são efetivas, que visam minimizar e dificultar o acesso ao mundo das drogas, porém, antecipa a importância de trabalhar a prevenção desde a base familiar e curricular (educação).

DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS

Para entender as etapas é preciso olhar para a relação social atual e comparar um adolescente que viveu antes da sociedade imediatista (quando chegou a internet). Sem muito acesso à informação, um garoto de 12 anos, por exemplo, era mais despreparado, quase uma criança. O contrário das crianças e adolescentes de hoje, que têm acesso a tudo. “Você antecipa a fase sexual, as fases emocionais e, com is-

so, você antecipa também os problemas. E um deles é o contato com drogas. O primeiro desafio é o seguinte: o que o País tem que fazer, para que jovens de 9, 10, 11 e 12 anos não se interessem por drogas? Esse é o primeiro ponto”, considera Dr. Lordello.

E vem um segundo ponto, o que o especialista chama de usuário ocasional ou usuário habitual. São jovens que usam algum tipo de droga, só que ele ainda não é dependente. Sem o vício, mas é parte de outra massa de milhões de garotos que está a caminho da dependência. O que fazer?

“O governo deveria trabalhar muito forte nesses dois primeiros parâmetros. O jovem que não está usando, se ele não entrar, foi uma vitória. Esse garoto que está usando, se conseguir removê-lo dessa ideia, é outra vitória. O problema é quando o garoto passa do usuário habitual para o usuário dependente. Aí o estado já não tem muito o que fazer, a não ser ofertar o tratamento, só que essa pessoa geralmente não quer o tratamento”, explana. O índice de pessoas que querem o tratamento é baixíssimo, de milhares de dependentes, uma parcela de 15% procura por tratamento.

EDUCAR PARA PREVENIR

Com foco na busca de uma medida, o entrevistado aponta um programa de treinamento de prevenção envolvendo os pais, a escola (educadores), assim como entidades religiosas, uma vez que são pessoas em contato com a criança desde cedo e fornecedoras de valores e exemplos. “Você tem que dar cursos para mulheres gestantes. Porque tem mulher gestante que usa cigarro, álcool ou outros tipos de drogas. E através da placenta ela já está contaminando seu filho com substâncias entorpecentes, lícitas ou ilícitas”, explica.

Depois vem o tratamento específico para cada fase (desde o bebê

até o jovem de 20 anos), com diferentes tipos de linguagem, que transmitam coisas positivas, mostrando o limite, trabalhando a questão de ética, saúde através da alimentação até chegar a fase da socialização.

Criar programas de capacitação. Preparar educadores para trabalhar com o jovem dentro dos colégios e treinar os religiosos, para levar informações positivas aos pais e filhos. “É preciso melhorar a autoestima do aluno, para detectar o problema. Porque normalmente o viciado em drogas teve problemas de infância. E, por esse motivo, na fase da adolescência ele se desestrutura emocionalmente, podendo se apegar ao álcool ao cigarro e às drogas ilícitas”, demonstra.

E Dr. Lordello deixa uma mensagem para ser refletida:

“Instrui a criança no caminho que deve andar e, mesmo quando mais velha, não se desviará dele”...

(Rei Salomão-Bíblia)



Dr. Jorge Lordello

Especialista em Segurança Pública e Privada, pesquisador criminal, escritor internacional (livros publicados no Brasil e exterior), palestrante e conferencista sobre o tema violência urbana e drogas.

UGT NA CAMPANHA JOGUE LIMPO

Trabalhadores da Adidas, Nike e Puma em Bangladesh são maltratados

Em julho de 2011, a União Geral dos Trabalhadores (UGT) lançou durante o seu 2º. Congresso Nacional a Campanha Nacional Jogue Limpo, que tem como objetivo informar e mobilizar as pessoas em relação à extrema injustiça que envolve a produção de equipamentos desportivos, convidando-as a refletir, discutir e tomar uma posição.

Trabalhadores de Bangladesh, que fabricam artigos esportivos para Puma, Nike e Adidas, que patrocinam os Jogos Olímpicos de Londres/2012, foram agredidos fisicamente, segundo o jornal britânico The Observer.

“Em uma fábrica da Puma, dois terços dos trabalhadores entrevistados foram agredidos, socados, empurrados ou insultados”, afirma o Observer, que investigou as fábricas em conjunto com a organização War on Want.

Na fábrica da Adidas, muitas funcionárias afirmaram que foram obrigadas a retirar as peças que usavam para cobrir os seios. Trabalhadores das três empresas tinham horários superiores ao limite legal, com remunerações inferiores ao salário mínimo. A empresa declarou ao jornal que a questão dos salários foi solucionada, mas ressaltou que estava preocupada com as



Sidnei De Paula Corral,
é Secretário de Relações
Internacionais para
as Américas

informações de assédio ou agressão física aos trabalhadores.

A Puma informou ter detectado provas de que funcionários estavam trabalhando mais horas do que o previsto em uma de suas fábricas e se comprometeu a resolver o problema.

A UGT está atenta, lembremos que milhares e milhares de trabalhadores e trabalhadoras já estão ou estarão envolvidos diretamente em trabalhos relacionados à realização das Olimpíadas de 2016 e da Copa do Mundo de 2014 no Brasil.

Da construção dos aeroportos e

estádios à confecção de uniformes, fabricação de calçados e artigos esportivos, a hotelaria, os transportes, o comércio regular e ambulante das cidades sedes, a rede médica, a segurança pública e tantos outros importantes setores da economia irão demandar enorme contingente de pessoas para trabalhar em função destes mega eventos esportivos.

Exigir que tais trabalhadores tenham respeitados os seus direitos, recebendo tratamento justo e remuneração adequada, é dever do movimento sindical brasileiro. A UGT não se furta a essa responsabilidade. Vamos fiscalizar.

Por isso “juguemos neste time”, para que os eventos esportivos sejam justos para os trabalhadores e trabalhadoras envolvidos e também para os atletas. Levantemos a bandeira da erradicação do trabalho infantil e trabalho escravo. Lutemos pelo trabalho decente e justiça social.

“Em uma fábrica da Puma, dois terços dos trabalhadores entrevistados foram agredidos, socados, empurrados ou insultados”